

Yann Loïc Macedo de Moraes Araújo

## Heterodoxias da *Arte de Curar* portuguesa de oitocentos - o caso da homeopatia

### R E S U M O

Apresentamos neste artigo um estudo sobre uma das alternativas terapêuticas face à medicina, cirurgia e farmácia oficiais do século XIX em Portugal - a homeopatia. Começamos por definir o contexto em que emerge como uma medicina dos doentes. De seguida descrevemos o processo da sua recepção, introdução e divulgação tanto por leigos como por agentes da arte de curar, a nível pessoal e institucional. Procuramos assim recordar o percurso de uma heterodoxia médico-farmacêutica, que durante uma parte importante do século XIX em Portugal se chegou a constituir como uma verdadeira ameaça para a arte de curar oficial.

### Introdução

Insero-se este trabalho no âmbito da nossa tese de mestrado, defendida recentemente, intitulada *Passos Manuel. Medicina, Homeopatia e Saúde Pública*. Nela nos debruçámos sobre o panorama médico-cirúrgico e farmacêutico, clássico e alternativo/complementar, na época em que governou e viveu o *ditador de Bouças*, Passos Manuel.

Estudando a sua obra, enquanto *Grande Homem* da história nacional, e um vasto acervo documental contendo importantes (e detalhados) elementos da sua vida privada, pudemos desenvolver ao longo desta investigação um olhar privilegiado sobre a *arte de curar* oitocentista, que nos permitiu posteriormente analisá-la em dois níveis: em termos institucionais, preocupou-nos a reforma dos estudos médicos que implementou, a criação das Escolas Médico-Cirúrgicas e das suas adjacentes Escolas de Farmácia, assim como a formação dos Conselhos de Saúde (Pública, do Exército e da Marinha), lançando bases para que as noções de higiene e salubridade pública se desenvolvessem em Portugal de acordo com os mais modernos padrões europeus; em termos culturais e pessoais, foi do maior interesse revelar a estreita ligação da obra de regime com o seu criador, descobrindo os contornos da sua relação com a homeopatia, descrendo das instituições e dos profissionais *clássicos*, por cuja formação fora responsável.

É este último tema que procuramos agora desenvolver, apresentando o caso da homeopatia, da homeopatia portuguesa, enquanto *sistema médico* verdadeiramente alternativo à ortodoxia terapêutica clássica, oficial. Procuramos assim descrever o modo como se introduziu, estabeleceu e desenvolveu em Portugal, numa época em que a arte de curar oscilava “entre as concepções dominantes no século anterior e a ciência experimental”<sup>1</sup>, deixando terreno livre para a alternativa da medicina popular, do mero charlatanismo ou de sistemas “entre o empírico e o místico”<sup>2</sup>.

### *A medicina dos doentes*

Se qualquer abordagem à arte de curar de oitocentos nos levaria à sua análise através da visão dos agentes de saúde pública (médicos, cirurgiões e farmacêuticos), o estudo do caso da homeopatia exige, antes de mais, o conhecimento que sobre ela nutriam os doentes. De facto, tal como o *Mesmerismo*, o *Raspailismo*, ou o *sistema negativo*, a homeopatia consistia num sistema terapêutico *romântico* que ia de encontro à insatisfação prática e real dos doentes, respondendo simultaneamente a dúvidas e angústias de médicos e terapeutas. Em ambos os casos, os sistemas médicos *românticos* desenvolvidos essencialmente no século XVIII e em princípios do século XIX, surgiam como último recurso ou primeira opção, por escolha familiar ou busca individual de resultados, constituindo sempre alternativas à ineficácia da assistência prestada pela medicina, cirurgia e farmácia clássicas.

O estudo do percurso pessoal de Passos Manuel enquanto indivíduo “sempre doente”<sup>3</sup> desde a sua juventude, permitiu-nos aceder à realidade em que operava essa *medicina dos doentes* de que se socorriam tantas personagens ilustres do século XIX, para além de um número ignorado de doentes esquecidos pela História, para aliviar ou curar as suas maleitas, contra as quais nada podia a *arte de curar* oficial.

Para os que sofriam, os motivos da sua escolha por um sistema terapêutico *romântico* como a homeopatia, substituindo totalmente ou apenas complementando os mais modernos cuidados clínicos, prendiam-se com o facto de se “[aborrecerem] [com as] inovações mortíferas” que “a escola”, a arte de curar oficial, admitia “na véspera para repelir no dia [seguinte]”, na sua “continua contradição”<sup>4</sup>. Os médicos e farmacêuticos (conselheiros) homeopatas destes doentes rotulavam a arte de curar *das escolas* como “de privilégios, quer se a [condecorasse] com o título de racional, quer com o de dogmática ou ortodoxa”<sup>5</sup>. Para o mundo homeopático, “o doente [tinha] razão (...) o doente [queria] ser curado, eis o seu empenho”; falhar na cura uma vez era “desculpável”, mas falhar sistematicamente representava “arruinar a economia, mortificar o organismo”, além de “accusar a ineficácia e ruindade dos meios” utilizados e “a imperfeição da sciencia e a ignorancia do medico”<sup>6</sup>.

Para não poucos doentes, a medicina, cirurgia e farmácia clássicas haviam-se tornado “[perigosas] [para] si mesma[s]”<sup>7</sup>, vítimas do seu próprio prestígio, não admitindo na sua postura *positiva*, a falha, o erro, a ignorância e a impotência para travar determinados males. Surgia assim as mais das vezes, a figura do facultativo formado na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Coimbra ou nas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, perante moléstias graves ou crónicas, como um “frio racionalista, distante da pessoa que sofre, orgulhoso da ciência

<sup>1</sup> MIRA, 1947: 348.

<sup>2</sup> ANDRÉS TURRIÓN, 2001: 307.

<sup>3</sup> Arquivo Distrital de Santarém. Arquivo Passos Manuel (ADSTR.APM), Carta de Passos Manuel a D<sup>a</sup> Gervásia, datada de 9/2/1860.

<sup>4</sup> *Gazeta Homeopathica Lisbonense (GHL)*: 8.

<sup>5</sup> *GHL*: 8.

<sup>6</sup> *GHL*: 8.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, 1985: 614.

que [cultivava]”<sup>8</sup>, não ensinando os “doentes a viverem as suas próprias doenças”<sup>9</sup>. Nestas circunstâncias, o apoio e atenção proporcionado pelas *medicinas românticas*, tendo por base a ligação estabelecida entre médico e doente, tornava-se fundamental para a evasão para o campo “mágico”<sup>10</sup> de sistemas médicos e terapêuticos como o que seria constituído por Samuel Hahnemann na transição do século XVIII para o século XIX - a homeopatia.

### A introdução da homeopatia em Portugal

#### Os leigos em *matéria médica e farmacêutica*

Um dando importante a relevar, neste trabalho em que procuramos revisitar aspectos menos conhecidos da *arte de curar* portuguesa de oitocentos, prende-se com o facto de a escolha feita pelos doentes por uma sistema terapêutico, *medicina romântica*, como a homeopatia não constituir uma consequência do seu baixo estrato social ou nível cultural. O caso de Passos Manuel, entre muitos outros, prova isso mesmo.

Figura pública com estatuto de mito (modelo político, ético-moral) vivo, Manuel da Silva Passos (Passos Manuel) seria agredido simultaneamente desde a juventude, pela doença e pelas práticas e fármacos utilizados pelos médicos que o assistiam. Seguindo o seu carácter decisório, interessar-se-ia pela arte de curar da sua época pelos efeitos que produzia directamente no seu instável organismo, sendo apenas natural que se entregasse à homeopatia, um sistema médico que desafiava a ortodoxia da medicina clássica, e que apelativamente e de um modo moderno prometia milagres (com base *científica*) de eficácia e brandura na restituição da saúde aos enfermos.

A propósito dos médicos *alopatas* (praticantes e defensores da arte de curar clássica, oficial) que durante anos o haviam seguido, afirmava no fim da sua vida que “não [estudavam] nada, não [sabiam] nada e [falavam] de tudo”<sup>11</sup>. Faltava-lhes acima de tudo “o amor da humanidade que só os podia aliviar e esclarecer”<sup>12</sup>, qualidades que sobejavam aos seus médicos homeopatas, que o seguiam diariamente e mesmo o acompanhavam nas suas saídas de recuperação. A grande diferença do caso de Passos Manuel para o de outros doentes, também cidadãos mas menos ilustres, que se entregaram aos socorros dos homeopatas nacionais e particularmente aos do Porto (recorrendo por exemplo à assistência prestada pelos membros do *Consultório Homeopático Portuense*, fundado em 1852<sup>13</sup>) estaria na excelência dos cuidados recebidos.

O *ditador de Setembro*, primeiro verdadeiro reformador do ensino médico, cirúrgico e farmacêutico português desde o Marquês de Pombal, contaria no Porto com a atenção devotada de um dos mais renomados homeopatas do país, António Ferreira Moutinho, que lhe recomendaria em finais de 1859 (quando da deslocação deste homeopata, doutor em medicina por

<sup>8</sup> NOGUEIRA, 1985: 614.

<sup>9</sup> NOGUEIRA, 1985: 614.

<sup>10</sup> THOMAS, 1985: 69.

<sup>11</sup> ADSTR.APM, Carta de Passos Manuel a D<sup>a</sup> Gervásia, datada de 10/10/1861.

<sup>12</sup> ADSTR.APM, Carta de Passos Manuel a D<sup>a</sup> Gervásia, datada de 10/10/1861.

<sup>13</sup> Tratava-se da primeira associação do género em Portugal.

Coimbra, a Lisboa para aí instalar o seu consultório), os cuidados do alcobacense António Maria dos Santos Brilhante - polémico e conhecido facultativo, redactor da *Agulha Medica* e do *Esculápio*, *vitalista* assumido e um dos mais famosos homeopatas portugueses. Na lógica de propaganda em que se especializara a rapidamente formada corporação homeopática, Passos Manuel seria instado a discursar publicamente em prol dos interesses homeopatas (em 1860, no cemitério do Prado do Repouso, no Porto) e a emprestar o seu nome a petições em defesa da acreditação científica/académica do sistema médico criado por Samuel Hahnemann.

A sua *conversão* ao sistema de Hahnemann não passaria, portanto, despercebida, nem a homeopatas, nem aos seus opositores. Este últimos, defensores da ortodoxa e clássica arte de curar, sabiam contar no campo adverso com mais uma dessas grandes “personagens, [que procuravam] induzir os poderes publicos a darem uma certa protecção ao charlatanismo”<sup>14</sup>.

Sucediam-se, com efeito, as conversões à homeopatia de ilustres *personagens* da sociedade, política, banca e artes portuguesas. O caso do Duque de Saldanha tornar-se-ia num paradigma (caricaturado por Feliciano Castilho<sup>15</sup>) desta situação, preferindo a dada altura da sua vida diversas práticas terapêuticas alternativas àquelas que eram reconhecidas pela arte de curar clássica. Assim, quando em meados da década de 1840 se viu atacado de uma “pleurodynia [e de] um tumor [que] apareceu depois sobre o lugar da dor”<sup>16</sup>, recusaria firmemente os cáusticos e a cirurgia aconselhada pela conferência de físicos dirigida pelo Dr. Pulido, *alopata* que também prestara cuidados a Passos Manuel.

Revelando simultaneamente a existência das fortes reticências que tinha o público em geral em aderir aos avanços da moderna ciência e a resistência (a nível internacional) de uma *medicina romântica* entre as classes mais elevadas, Saldanha apenas recorreria no tratamento dessa moléstia a “um unguento que [lhe tinham] mandado de Roma, de outro que [lhe] tinham enviado de Nuremberg, do balsamo que preparara o [seu] antigo camarada e amigo o Conde do Bonfim, e de outro balsamo que fazia D. Pedro de Alarcão, enfim, todos os remedios caseiros que se tinham apresentado, além do tratamento pelo vinho da madeira, recomendado pelo Almirante Sartorius”, e que por isso lhe pedia que lho “*receitasse* [sic] imediatamente”<sup>17</sup>.

Curada esta maleita por meios estranhos à ortodoxia terapêutica oficial, rapidamente se tornaria o Marechal no “mais inteligente cultor e mais forte propagador da verdadeira medicina”<sup>18</sup>, nos termos dos seus amigos homeopatas. Nos de outros seus contemporâneos, como o Marquês de Fronteira e d’Alorna, formara-se deste modo o “maior adversario da medicina legal [sic]”, “abandonando completamente os negócios políticos” para se fazer “doutor”<sup>19</sup> em dois sistemas

<sup>14</sup> *Gazeta Medica de Lisboa (GML)*, nº 20, de 16/10/1859.

<sup>15</sup> Segundo Oliveira Martins, Saldanha teria, “por fim, [acabado] na homeopatia”, e Castilho, “com a sua lisonja irónica de literato, escrevia-lhe: «Adeus meu caro Aquiles; guerreiro, médico e escritor a um tempo; porém Aquiles banhado na preciosa água da vida, desde a cabeça até ao calcanhar - inclusivamente». (MARTINS, 1996: 237). Uma interpretação *livre* das palavras de Castilho por parte do autor do *Portugal Contemporâneo* que em carta ao Duque de saldanha lhe votava a mais profunda e sincera admiração: quem “[pensava] recto e sério [era] sempre lúcido. (...)” e merecia que Castilho fosse “ainda mais admirador que nunca, servo affectivo e obrigadissimo como sempre” (*GHL*: 200).

<sup>16</sup> SALDANHA, 1858: 140.

<sup>17</sup> SALDANHA, 1858: 143. Itálico nosso.

<sup>18</sup> LIBERALI, 1865: V.

<sup>19</sup> FRONTEIRA, 1986: 453

médicos ou terapêuticos românticos, “o homoepatha e o raspailista [que procurava] estabelecer em Portugal”<sup>20</sup>.

Fruto da sua perseverança, Saldanha publicaria no final da década de 1850 a obra *O Estado da Medicina em 1858*, dedicada a D. Pedro V e oferecida aos “homens de consciencia e superiores que (...) [ensinavam] ou [praticavam] a nobre e liberal profissão da medicina”<sup>21</sup>. Tratava-se, na verdade, de um manifesto, atacando a medicina das escolas - *alopática* - que na sua opinião não ia além de um “mixto informe de ideias inexactas, de observações pueris, de meios illusorios, de formulas tão bisarramente concebidas como fastidiosamente colligidas, não tendo principios fixos, sendo a sua therapeutica apenas uma colleção de hypotheses imaginadas pelos medicos em todos os tempos”<sup>22</sup>.

Envolvendo-se em enormes polémicas, amplamente divulgadas na imprensa literária e médica da época, tornar-se-ia no principal mecenas da homeopatia portuguesa a partir de 1859 (sucendo ao Conde de Ferreira) com a criação e sustento do *Consultorio Homeopathico Lisbonense* e da sua *Gazeta Homeopathica*. Grande parte da homeopatia nacional, até aí disseminada pelo país, apostaria no movimento que na capital era suportado pelo Duque, concentrando-se em Lisboa muitos dos mais conhecidos valores homeopatas, entre médicos e farmacêuticos, produzindo jornais e obras de propaganda, criando consultórios e organizando modernas associações mutualistas de socorros homeopáticos.

Contudo, além de Passos Manuel e do Duque de Saldanha, “muitas pessoas [de] caracteres distintos” interessar-se-iam pela homeopatia “unicamente pela philanthropia, [atestando] o resultado favoravel dela”<sup>23</sup>. Destacar-se-ia a figura do Conde de Ferreira, que de entre as suas muitas obras de mecenato e caridade, se empenharia em proteger e financiar o *Consultório Homeopathico Portuense* e a sua *Gazeta Homeopathica Portuense*, para que aos pobres do Porto fosse prestada assistência homeopática gratuita, dispondo este *Consultório* (dirigido por António Ferreira Moutinho) do apoio anual de 150\$000 réis por parte do seu mecenas.

Tratava-se, nos termos da *Gazeta Homeopathica Lisbonense*, de um “donativo” que seria da maior “importância para a sciencia e para a humanidade”, elevando a memória do Conde de Ferreira “ainda além da morte [a figurar] nos fastos da sciencia e da Humanidade, como um grande vulto, a par dos nomes illustres de sua Alteza Real o Duque de Anhalt-Koethen, Marechal Saint-Arnaud, Napoleão III, Frederico Guilherme, Rei da Prússia, Marquez do Paraná, Victor Manuel, Duque de Wellington, Duque de Saldanha, Sua Alteza Real a Duqueza de Cambridge, e de muitos outros, que, tendo tomado a homeopathia debaixo da sua protecção, a têm defendido mui poderosa e effcazmente das ciladas e opposição acintosa e systematica dos seus inimigos”<sup>24</sup>. Deixaria ainda no seu testamento uma renda de 20\$000 réis para que fosse mantida uma enfermaria no hospital da Misericórdia de Santo António do Porto, exclusivamente dedicada ao sistema de Hahnemann, com cerca de vinte camas “para os pobres que se quizessem utilizar

<sup>20</sup> FRONTEIRA, 1986:454.

<sup>21</sup> SALDANHA, 1858: frontispício.

<sup>22</sup> SALDANHA, 1858: 144.

<sup>23</sup> SALDANHA, 1858: 144.

<sup>24</sup> *GHL*: 45.

d'esta medicina"<sup>25</sup>. Uma enfermaria, diga-se, que apenas cessaria de funcionar na década de cinquenta do século XX, por falta de substitutos dos idosos médicos homeopatas que então se reformaram.

Também Silvestre Pinheiro Ferreira - filósofo e jurista, ministro de D. João VI, amante da ciência e exilado em Paris de 1826 a 1842 - constitui outro caso modelar de conversão à homeopatia. Com efeito, fixando-se o culto Silvestre Pinheiro Ferreira naquela cidade para se dedicar aos seus estudos após a morte de D. João VI, aí conheceria Hahnemann e a sua esposa Mélanie d'Hervilly, estabelecendo-se uma duradoura relação de amizade que tornaria o *Hipócrates do Norte*<sup>26</sup> "muito ligado ao (...) distinto sábio"<sup>27</sup> português. Deste modo se formaria "um dos mais fervorosos crentes no sistema Hahnemanniano"<sup>28</sup>, devendo-se à sua intervenção um marco mundialmente inédito e esquecido da história da arte de curar nacional: a consagração em 1839 - estando Hahnemann vivo - do criador da homeopatia por parte de uma clássica e internacionalmente reconhecida academia médico-cirúrgica - a *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Então presidida pelo vitalista lente da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, António José de Lima Leitão, a *Sociedade* acolheria Hahnemann nesse ano como um dos "vinte membros honorários de 1ª classe"<sup>29</sup> dessa academia<sup>30</sup>, acompanhando neste processo outros membros honorários estrangeiros como Astley Cooper, Richerand, Andral, Lanriey, Burdach, Thomazini ou Magendie.

Um projecto em que se haviam associado Silvestre Pinheiro Ferreira e o presidente da *Sociedade*, e que começara com a publicação, no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, de Outubro de 1839, de uma "Idéia sobre a homeopathia [remetida] por hum (...) mui distinto literato que [viajava] pela Europa ao Sr. Dr. Lima Leitão"<sup>31</sup>. Tendo sido revelado, mais tarde, ser este artigo da autoria de Silvestre Pinheiro Ferreira<sup>32</sup>, fora assim iniciado o processo da rápida glorificação lisboeta de Hahnemann, enaltecendo-se as qualidades do *Hipócrates do Norte* cuja "erudição não [era] excedida senão pela alta esfera do seu genio" e que tinha inventado o princípio homeopático - "que antes delle ninguém havia descoberto"<sup>33</sup>.

Esta apologia do amigo pessoal de Silvestre Pinheiro Ferreira face às críticas dos "homens ignorantes ou medíocres"<sup>34</sup> daria simultaneamente início àquela que seria a forma mais comum de propaganda homeopática, afirmando Pinheiro Ferreira que os discípulos de Hahnemann não deviam ser confundidos com "miseráveis charlatães" (apesar de este género de indivíduos se

<sup>25</sup> PEREIRA, 1907: 407.

<sup>26</sup> Título, ou epíteto, concedido pelos homeopatas ao criador da sua doutrina, Samuel Hahnemann.

<sup>27</sup> *Gazeta Homeopathica Portuense (GHP)*: 37.

<sup>28</sup> PINA, 1964: 97.

<sup>29</sup> *GHP*: 38.

<sup>30</sup> Hahnemann seria convidado para membro honorário da Academia graças à criação, em janeiro de 1839, do artigo 10º da *Sociedade*, que abria as portas não só a "indivíduos nacionais [como a] (...) estrangeiros, que por seus conhecimentos, providamente abalizados em qualquer das ciências médicas ou por haverem nelas feito algum insigne progresso, ou insigne descoberta [fossem] declarados tais pela *Sociedade* (...)". LEITÃO, 1962: 241.

<sup>31</sup> *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (JSSML)*, 1840: 221-233.

<sup>32</sup> *JSSML*, 1840: 221-233.

<sup>33</sup> *JSSML*, 1840: 226.

<sup>34</sup> *JSSML*, 1840: 226.

encontrar, de qualquer modo, “em todas as escolas”) conforme o atestava a existência de uma longa lista de hospitais homeopáticos e de bem sucedidos casos com pacientes célebres, como o de “Sua Magestade a Rainha de Inglaterra (...) Sua Magestade o Rei da Prussia (...) [ou] a família real de Napoles”<sup>35</sup>.

Um argumento *estrangeirado*, que tinha peso no apoio de um *sistema médico* que se apoiava fortemente no seu estatuto de *medicina dos doentes*, totalmente de acordo com a sua época, de efervescente liberalismo universalista, em que o começo do domínio da ciência e da técnica eram permeáveis a *romantismos*.

### Médicos, cirurgiões e farmacêuticos - a arte de curar perante a Homeopatia

Das três obras de Samuel Hahnemann mais divulgadas, o *Organon* (1810), a *Matéria Médica Pura* (1811-1821) e as *Moléstia Crónicas* (1828-1830), caberia à primeira<sup>36</sup> (por aí se encontrarem “todos os princípios homeopáticos bem coordenados”<sup>37</sup>) o papel de constituir o primeiro e principal guia dos interessados no novo método. Chegaria esta obra a Portugal em 1832 na tradução francesa do *Docteur Jourdan*<sup>38</sup>, sendo logo citada por um dos primeiros e maiores entusiastas da Homeopatia em Portugal - António José de Lima Leitão - que lhe faria “referência no seu livro de clínica”<sup>39</sup> desse ano. Começaria com a recepção da tradução francesa do *Organon* o ciclo de “maior expansão” da homeopatia em Portugal, acabando esta *idade de ouro* apenas no “fim do século XIX”<sup>40</sup>, reclamando-se neste período, como homeopatas, dezenas, senão centenas<sup>41</sup>, de indivíduos - entre médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Contavam estes, com vimos, com largo apoio do público leigo em matéria médica ou farmacêutica, não só por parte da clientela que procurava, alternativa ou complementarmente, a cura homeopática dos seus males, mas também de alguns poderosos ou ilustres mecenas que se constituiriam como protectores da doutrina de Hahnemann em Portugal.

A reacção à introdução do método homeopático em Portugal coube aos médicos e médicos-cirurgiões e menos aos farmacêuticos, numa primeira fase pouco interessados em combater uma *medicina romântica* que partia para a terapêutica com uma forte base farmacológica.

Assim, é nos periódicos afectos ou mesmo editados directamente pela Faculdade de Medicina de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas, que descobrimos os ecos da recepção da homeopatia (da validade do “evangelho de Hahnemann”<sup>42</sup>) e da instantânea formação de duas

<sup>35</sup> JSSML, 1840: 232 - 233.

<sup>36</sup> TORRES, 1962: 14 -15. Trata-se do *Organon da Ciência Médica Racional*, título que seria alterado para *Organon da arte de Curar* em 1819, aquando da sua segunda edição.

<sup>37</sup> TORRES, 1862: 14.

<sup>38</sup> MIRA, 1947: 365.

<sup>39</sup> MIRA, 1947: 365.

<sup>40</sup> TORRES, 1962: 154.

<sup>41</sup> A *Relação dos médicos Homeopatas* (GHP: 84) refere a existência em 1855 de cerca de meia centena de médicos homeopatas, numa fase ainda de expansão deste sistema terapêutico. É pois natural que o número seja superior aqueles que colhemos nesta *Relação*, limitada, de resto, aos homeopatas que mantinham relações com o *Consultório Homeopático Portuense*.

<sup>42</sup> CARVALHO, de 29/9/1935: 317.

facções - pró e contra a homeopatia e os seus propagadores -, surgindo contudo neste último partido (anti-homeopata) médicos e cirurgiões que, como todo o “medico philosopho”, se sentiam obrigados a “estudar tudo quanto [pudesse] ser útil à humanidade”<sup>43</sup>.

Destacavam-se de entre estes médicos como Agostinho Albano da Silveira Pinto, que afirmaria em 1835 conhecer “desde 1826” o sistema médico contido no *Organon*, não o rejeitando na sua totalidade, mas sem por isso o adoptar ou testar<sup>44</sup>. Também João Brignoli exporia em 1837, na *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, o resultado do seu estudo sobre a “doctrina medica, denominada homeopathica, do Professor Hahnemann”<sup>45</sup>: considerava que as orientações da homeopatia atingiam os “limites da mais fecunda imaginação”<sup>46</sup>, mas que a homeopatia seria útil como remedio contra “systematicas hypotheses medicas, como antipathica medicina contra as enormes doses dos que [abusavam] da medicina contra-estimulante e finalmente como hum allopatico pretexto da medicina expectante”<sup>47</sup>.

Tratavam-se de análises que não anulavam totalmente o valor da homeopatia para a ciência e saúde pública, e que, de alguma forma, nos permitem compreender a simplicidade com que esta medicina romântica se instalou nas escolas de medicina, cirurgia e farmácia nacionais. Nestas se encontrariam desde a primeira hora os *sócios beneméritos* do *club* homeopático<sup>48</sup> português, como o referido António José de Lima Leitão, lente de Clínica Médica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e Florêncio Peres Furtado Galvão, professor de Matéria Médica e Farmacêutica na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Não deixando nunca o magistério<sup>49</sup> em instituições clássicas de ensino médico-farmacêutico, defenderiam desde cedo nas suas carreiras - logo na década de 1830 - a homeopatia como sistema médico complementar e mesmo alternativo ao que era ensinado nas suas escolas.

Nunca explorariam comercialmente, em consultório, os resultados do novo sistema nem fariam declaradamente parte das facções que se formariam, pois era “do seu dever officiar e requerer ao governo para [serem] auxiliado[s] com os necessarios meios, e ensinar[em]

<sup>43</sup> *GHL*: 6.

<sup>44</sup> TORRES, 1962: 95: “Em Portugal, segundo a opinião do Prof. Silva Carvalho, o primeiro folheto médico sobre homeopatia foi publicado no ano de 1835 pelo Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto no *Repositório Literário da Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto*, sob o título de «Doutrina Homeopática», onde o mesmo se mostra muito inclinado a que se experimentem oficialmente os novos remédios. Afirma ter conhecimento do *Organon da Arte de Curar* desde 1826 e noutra parte do seu artigo diz ainda: «(...) lendo então a nova exposição da nova doutrina médica pareceu-nos que estávamos lendo um verdadeiro romance de medicina e conjecturamos que ela devia ter o sucesso comum dos romances; mas confessamos ingenuamente que jamais nos passava pela ideia que de tal doutrina se falasse ou escrevesse mais».

<sup>45</sup> *JSSML*, 1837: 257-268.

<sup>46</sup> *JSSML*, 1837: 265.

<sup>47</sup> *JSSML*, 1837: 268.

<sup>48</sup> CARVALHO, de 27/10/1935: 349. Contava o *Consultorio Homeopathico Portuense* com “sócios effectivos (todos os médicos, cirurgiões e boticários homeopatas residentes no reino), sócios correspondentes (os mesmos residentes fora do reino), sócios honorários (todos os amigos da homeopatia estranhos à arte de curar, que tivessem contribuído de qualquer maneira para o desenvolvimento teórico e prático da homeopatia) e sócios beneméritos (os médicos e cirurgiões que tivessem leccionado a homeopatia em cadeiras de ensino público, ou a tivessem praticado em hospitais ou noutros estabelecimentos destinados ao tratamento de enfermos)”.

<sup>49</sup> Diria Florêncio Galvão que “não [era] prático, não [tinha] clientela”. (*GHP*, de 1/1/1853).

oficialmente qualquer disciplina” que se revelasse válida<sup>50</sup>. Mas nunca “[renegariam] as [suas] opiniões”<sup>51</sup> quanto ao valor da doutrina de Hahnemann.

A vida do algarvio Lima Leitão, “médico notável (...), homem muito erudito, letrado e dotado de grande actividade”<sup>52</sup>, doutor em medicina na *Sorbonne* parisiense poucos anos depois da publicação do *Organon*, e dono de um “espírito irrequieto, facilmente aberto a todas as novidades”<sup>53</sup>, ficaria profundamente ligada aos sucessos e desaires da homeopatia. Exerceria e defenderia quotidianamente a homeopatia no exercício clínico e na qualidade de polemista, em 1832 seria pioneiro na referência feita ao *Organon* em termos oficiais e em 1839 co-responsável pelo reconhecimento de Hahnemann pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. No ano de 1853 - pouco tempo antes a sua morte - a recusa ao seu pedido para que lhe fossem proporcionados “os meios para os ensaios da Medicina Homeopathica”<sup>54</sup> na sua Escola, provocaria uma enorme polémica. Já em 1833 e em 1838 a mesma pretensão lhe fora negada, mas desta feita a recusa seria acompanhada da formação de uma comissão dirigida pela autoridade médico-sanitária lisboeta Bernardino António Gomes (filho) com vista a avaliar o “estado e modo porque o Sr. Dr. Lima Leitão dirigia o ensino”<sup>55</sup>.

A questão teria “funda repercussão”<sup>56</sup> no meio médico-cirúrgico nacional, chegando quase - num episódio picaresco - a opôr fisicamente a comissão e Lima Leitão, quando aquela se preparava para entrar numa aula do lente homeopata. Até à sua morte, ocorrida poucos meses depois do auge da polémica, a acusação da comissão seria de que Lima Leitão “não [cumpria] os seus deveres, [viciando] o espírito dos discípulos”<sup>57</sup>, esgrimindo o acusado o argumento de que a “Lei da Escola não [limitava] o número ou qualidade dos methodos therapeuticos, nem [podia], uzados nas Clinicas”<sup>58</sup>. Chegando a hora da sua morte pouco tempo passado sobre “estas scenas”, estava achado o primeiro mártir da homeopatia portuguesa, lamentando os membros dos *Consultórios Homeopathicos* do Porto e Lisboa que os “discípulos” de Lima Leitão e o público em geral não tivessem, pelas suas mãos, presenciado “a conveniencia ou desconveniencia [daquele] methodo de curar”<sup>59</sup>.

Fazendo uma carreira mais serena e advogando a sua escolha homeopática com menos radicalismo, Florêncio Peres Furtado Galvão, lente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra entre 1835 e 1859, apresentaria logo em 1835 a sua tese de doutoramento versando “*De hominum temperamentis, eorumque influxu in Physiologia, Pathologia, Moraliq[ue] Scientiis*”, incluindo no terceiro capítulo acerca da “*Ex Materia Medica; atque Pharmacia*”, o primeiro item referente à “*homoeopathica doctrina de medicamentorum actione caute admittenda*”<sup>60</sup>.

<sup>50</sup> *GHL*: 6.

<sup>51</sup> *GHP*, de 1/1/1853.

<sup>52</sup> *MIRA*, 1947: 364.

<sup>53</sup> *MIRA*, 1947: 365.

<sup>54</sup> *GHP*, de 15/5/1855: 37.

<sup>55</sup> *GHP*, de 15/5/1855: 37.

<sup>56</sup> *CARVALHO*, de 27/10/1935: 351.

<sup>57</sup> *GHL*: 5.

<sup>58</sup> *GHL*: 5.

<sup>59</sup> *GHL*: 5.

<sup>60</sup> *Arquivo da Universidade de Coimbra [AUC], Theses ex universa medicina decerpta quas sub presidio clarissimi ac sapientissimi D. D. Joanis Lopes de Moraes in Gymnasio academia conimbricensis integra die propugnandas offert Florentius Peresius Furtadus Galvanus, 1835: 9.*

Professando “*Matéria Médica e Farmacêutica*” aos alunos do principal curso de Medicina e Cirurgia mas também aos do curso de Farmácia, ensinaria desde 1835 “theoricamente (...) as doutrinas de Hahnemann”<sup>61</sup> nas suas aulas, levando aprendizes de médicos e farmacêuticos a “aprenderem a teoria homeopática nas partes que diziam respeito” aos dois ramos que ensinava, bem como “a estudarem o *Organon* e todas as revistas francesas” homeopatas disponíveis<sup>62</sup>. Tendo leccionado até à data da sua jubilação, instituiria uma informal *academia* de homeopatas no coração do corporativismo *canónico* médico-cirúrgico e farmacêutico português.

Responsável pela formação de muitos homeopatas em Portugal, como António Ferreira Moutinho, Furtado Galvão oficializaria, sem que tenhamos encontrado indícios que tenha sido contestado, o programa da sua *academia*, publicando o plano da sua cadeira no *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*<sup>63</sup>.

Cultivando uma “homeopatia desapaixonada”<sup>64</sup>, afirmava não procurar “creditos alheios para elevar os [seus]”, nem aspirava “à popularidade”, expondo-se nas suas aulas “francamente (...) diversos systemas e opiniões” médicas, discutindo-se e escolhendo-se o que “[l]he parecia mais plausivel”<sup>65</sup>. Não implicava, portanto, a palavra do *magister* a sujeição dos discípulos à sua opinião e, nos termos de Furtado Galvão, nas suas aulas deixava-se “inteira, plena, e a todos os respetos desembaraçada liberdade de ser contrariada”<sup>66</sup> a escolha pessoal do mestre. Didáctico e pedagógico, além de imolestado pela corporação universitária apesar da sua heterodoxia terapêutica, no final da sua carreira afirmava que as noções que professava nas suas aulas no tocante ao melhor sistema de orientar a matéria médica e farmacêutica, tinham “somente por fim (...) abraçar a verdade”<sup>67</sup>.

Em sua opinião “a theoria homoeopathica não [era] desprezível, inutil, absurda”, prestando pelo contrário “grandes serviços” sobretudo à farmacologia, sendo da “maior transcendencia” o “preceito de ensaiar, e determinar a virtude dos medicamentos, applicando-os no estado physiologico” em seres humanos saudáveis<sup>68</sup>. Não o embaraçavam as “contradições de

<sup>61</sup> *GHP*, de 15/7/1853: 54.

<sup>62</sup> TORRES, 1962: 101.

<sup>63</sup> *Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa (JSPbL)*, tomo IV, 1853: 385-388. Assim, na parte destinada ao leccionamento de “Pharmaconomia theorica e practica” era anunciado o ensino do “modo de preparar, dosar, e administrar os medicamentos homoeopathicamente”, para, na parte intitulada “Pharmacologia propriamente dita”, se demonstrar “a afinidade electiva dos medicamentos para determinados órgãos, ou aparelhos, ou systemas - theoria homoeopathica a [esse] respeito”. Florêncio Peres Furtado Galvão dedicava com efeito parte do programa da sua cadeira a demonstrar a “afinidade electiva dos medicamentos para determinados órgãos, ou aparelhos, ou systemas - theoria homoeopathica a este respeito”, a “influencia do habito sobre os efeitos dos medicamentos, e a explicação homoeopathica”, a “administração dos medicamentos, e por que vias se faz”, as “doses d’elles, e efeitos segundos d’ellas (...) sua natureza”. Dedicava-se também, claro, ao estudo da natureza dos “medicamentos simples e compostos (...) monopharmacia e polypharmacia”, bem como aos efeitos da “hydrotherapia”.

<sup>64</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>65</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>66</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>67</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>68</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2: “Ensaiaados os medicamentos no estado pathologico, estado anormal, no qual a economia humana apresenta fenomenos, e symptomas irregulares, eu não sei com que direito podemos attribuir os efeitos manifestados antes ao medicamento, do que à moléstia; quando esta for bem complicada, ou concorrente, as dificuldades sobem de ponto. Pelo contrario, determinado o estado physiologico, e a regularidade das funções, administrando neste estado um medicamento, em diversos individuos, sexos, e idades, colhendo sempre a mesma alteração, ou modificação, não podemos em boa fé, recusar-mo-nos a referi-lo ao medicamento”.

Hahnemann, as aberrações de alguns de seus discípulos, nem a falta de fé d'outros"<sup>69</sup>. Eram, na sua opinião, justificáveis em “todas as sciencias, os erros, os descuidos, prejuizos” e dizia-se “tolerante e condescendente” a quem lhe quizesse “pedir explicações ou (...) responder às [suas] considerações”<sup>70</sup>.

Posição diversa perante o fenómeno homeopata teria a corporação farmacêutica nacional, apesar (ou devido) das boas relações que mantinha com a autoridade conimbricense em matéria médica e farmacêutica, o mestre Furtado Galvão.

Aparentemente com menor abertura e interesse face à mais recente e bem sucedida heterodoxia médico-farmacêutica criada por Samuel Hahnemann, o papel da farmácia portuguesa - ao contrário do que então sucedia noutros países europeus receptores da homeopatia - seria menor na fase de introdução do sistema Hahnemanniano. Os boticários nacionais não converteriam, como em França, à “nova sciencia muitos médicos”<sup>71</sup>, determinando antes que o seu objectivo principal fosse a luta pela dignificação da *arte* farmacêutica e menos a discussão dos dogmas terapêuticos vigentes.

Observamos, com efeito, como à farmácia portuguesa, que só começaria a ter voz activa com a formação da *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* em 1835 (o primeiro e “único centro da classe” farmacêutica<sup>72</sup> no século XIX), e ao seu *Jornal*, interessava antes de tudo o respeito e reconhecimento da cientificidade da farmácia pelas outras ciências e agentes de saúde pública. Deste modo se pode compreender que o laboratório da *Sociedade*, que depressa se tornaria referência em análises médico-legais e testes oficiais das substâncias as mais diversas, tivesse deixado ao mundo médico-cirúrgico a tarefa de conferir ou negar validade ao sistema homeopático, incluindo a sua farmacopeia.

O *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* apenas se debruçaria sobre a *questão* homeopática já tarde no século XIX, sendo as primeiras referências a esta questão indirectas, comentários de citações de outros periódicos literário-científicos, remetidos para a secção das *Diversidades*. De facto, a menção mais antiga que encontramos no órgão da *Sociedade* data de 1851, aludindo-se por essa altura ao modo como “por toda a parte os homeopaths [eram] asperamente tractados, e geralmente escarnecidos”, citando a *Gaceta Medica de Madrid*, que por sua vez transcrevia um artigo “de um jornal Inglez” relativo à homeopathia<sup>73</sup>. Seria esta a primeira de muito poucas e esparsas referências, o que nos levou a pôr hipótese - até hoje inconfirmada e talvez inconfirmável - desta posição da *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (também) se dever à relação que a farmácia portuguesa mantinha com Furtado Galvão, que na *alma mater* conimbricense, durante trinta anos combinaria curricular e praticamente *Matéria Médica e Farmacêutica*, prestigiando a última com esta associação.

<sup>69</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>70</sup> *GHP*, de 1/1/1853: 1-2.

<sup>71</sup> COSTA, 1891: 141. Seria o caso de Antonio Petroz, “antigo pharmaceutico director da Charité, membro da Academia de medicina” e o “vulgarizador da homeopathia em França”, que “difundiu a homeopathia por todas as classes e converteu à nova sciencia muitos medicos”.

<sup>72</sup> *JSPhL*, tomo II, nº 9, 1866: 232.

<sup>73</sup> *JSPhL*, tomo II, nº 7, 1851: 224 - 225.

Facto é que a validade do *sistema* homeopático nunca seria discutida nas páginas do *Jornal da Sociedade*, dirigindo-se antes a ofensiva para a falta de seriedade e credibilidade de certos charlatães homeopatas. Dificilmente se explica esta posição - discordante, de resto, da tendência geral das vozes mais activas da farmácia portuguesa - que se batiam por critérios farmacêuticos de nobilitante rigor científico - sem se associar a ela a figura de Furtado Galvão, membro desde a primeira hora da *Sociedade*, correspondendo-se com ela e participando no seu *Jornal*<sup>74</sup>.

Como elemento importante em apoio desta hipótese, refira-se o caso do estudo realizado, no ano de 1852, no qual o assistente de Furtado Galvão, o Dr. João Dória, assistiu a autoridade do lente de Histologia e Fisiologia Geral - António Augusto Costa Simões - em testes ao *sistema* homeopático numa enfermaria do hospital da Universidade de Coimbra. Nem nessa altura o *Jornal da Sociedade* comentaria os resultados destas provas, apesar de se tratar do primeiro ensaio científico às capacidades da homeopatia em Portugal. O “juízo crítico” de Costa Simões - tendo sido testemunhado e “prezenciado [o ensaio] por quasi todos os alumnos do 4º e 5º anno medico”<sup>75</sup> - fora de que sem “a menor suspeita”, os “globulos de Hahnemann [não produziam] no organismo algum efeito sensivel”<sup>76</sup>. Não impediria isso, contudo, que passado menos de um ano fosse publicado no *Jornal da Sociedade* o já referido programa da cadeira de Furtado Galvão na Faculdade de Medicina conimbricense.

O recurso dos farmacêuticos para ultrapassar este impasse corporativo sobre a homeopatia passaria pela busca individual de respostas e resultados. Depois de a medicina-cirurgia, através dos seus *oráculos* (como Bernardino António Gomes ou Costa Simões) ter categoricamente negado validade à homeopatia, a colaborante farmácia clássica seguiria essa mesma linha, embora como vimos de forma pouco linear. Restava aos boticários mais interventivos e autodidactas o recurso aos canais marginais e alternativos ao discurso oficial, para acusar os que tinham aderido “illudidos, allucinados ou de má fé”<sup>77</sup> à homeopatia, ou defender o sistema de Hahnemann e os seus prosélitos.

No caso destes últimos, farmacêuticos homeopatas, eram-lhes gabadas as recompensas de um “trabalho tenaz (...) convicções arreigadas, (...) firmeza de princípios, imparcialidade rigorosa e (...) propaganda ininterrupta”<sup>78</sup>. E vários seriam os casos de invejável sucesso farmacêutico-empresarial ligado à homeopatia, embora não dependente totalmente dela.

Seria, aliás, o carácter complementar - e não alternativo ou substitutivo - que assumiu a homeopatia na Farmácia nacional, que assegurou o seu (relativo) sucesso e longevidade. Na década de 1880, tendo já passado o “período áureo”<sup>79</sup> da homeopatia em Portugal, vislumbravam-se ainda os “progressos futuros da homeopathia” como “certos e seguros”<sup>80</sup>, apoiados nas suas

---

<sup>74</sup> Veja-se, por exemplo, o importante artigo que publica em defesa da farmácia no *Jornal* em 1850, “A Pharmacia em Portugal; pelo membro honorario, o Sr. Dr. Florencio Peres Furtado Galvão” (*JSPbL*, 2ª série, tomo I, nº 12, 1850).

<sup>75</sup> *O Instituto*, nº 19: 232.

<sup>76</sup> *O Instituto*, nº 19: 232.

<sup>77</sup> *GML*, de 16/10/1859.

<sup>78</sup> COSTA, 1902: 11.

<sup>79</sup> TORRES, 1962: 142.

<sup>80</sup> COSTA, 1902: 18.

qualidades de “aceio, (...) promptidão, (...) commodidade, (...) segurança e (...) economia”<sup>81</sup>, que a tornavam aptas a um individualismo médico-farmacológico, à auto-suficiência terapêutica. Nos termos de Francisco José da Costa, diplomado farmacêutico lisboeta, proprietário da *Farmácia Homeopática Costa*, o sistema desenvolvido por Hahnemann conviria a “engenheiros, exploradores, viajantes, missionários, lavradores, marinheiros, parochos e chefes de família”<sup>82</sup>.

Um espírito empreendedor e prático que os levaria a não confrontar directamente a ortodoxia médico-legal oficial, de Estado, e lhes permitira sobreviver à vaga de inovações e descobertas físico-químicas e médico-farmacológicas ocorridas durante o século XIX (“século de explosões” científicas<sup>83</sup>) que iriam ditar o fim - em Portugal - da homeopatia enquanto *fenómeno de massas*. Seriam os boticários homeopatas que compreenderiam que no seu carácter de *medicina dos doentes*, base do seu sucesso, residia também a garantia de longevidade. A melhor demonstração desse entendimento está, mais até do que na criação das suas farmácias homeopáticas e alopatícas (muitas delas existentes hoje, após quase duas centenas de anos de actividade) no estabelecimento de sociedades (maioritárias) com médicos homeopatas, criando em Lisboa, na transição do século XIX para o século XX, associações de socorros mútuos. Suceder-se-iam a criação de mutualistas como a *Associação Homeopata 24 de Agosto*, a *Associação de Socorros Mútuos Homeopata Vítor Hugo*, o *Montepio Homeopático Ferreira Moutinho*, a *Sociedade Humanitária Homeopática*, a *Associação Homeopata de Socorros Mútuos A Fraternidade*, a *Associação Homeopática de Beneficência de Lisboa* e a *Associação de Socorros Mútuos Grémio Homeopático de Lisboa*, entre outras.

Um passo até à criação das muito pragmáticas *Associação de Socorros Mútuos Homeopata e Alopata de Campo de Ourique* ou a *Sociedade de Socorros Homeopáticos e Alopatícos*, que apresentavam a homeopatia como - de facto - um sistema médico complementar ao que convencionalmente se exercia, permitindo-lhe a sobrevivência para além do entusiasmo dos seus pioneiros introdutores e adeptos.

## Conclusão

O estudo do caso da recepção e introdução da homeopatia em Portugal garante-nos um olhar completo e vivo sobre a arte de curar de oitocentos.

Graças aos galopantes progressos técnico-científicos, políticos, legais e sociológicos, é distante e quase abstrata a memória das heterodoxias médicas românticas e charlatânicas, que arrastavam, então, não massas, mas *multidões*. Faz sentido hoje recordar o caso da homeopatia, a que acedemos através de, e com, Passos Manuel. A convicção de que os seus problemas apenas se resolveriam com “remédios senão muito brandos e muito pouco violentos” e nunca com os esforços “repetidos e (...) violentos” prescritos pelos “tratamentos enérgicos” alopatas<sup>84</sup>, seria partilhada por vários seus contemporâneos, figurando entre os adeptos leigos da homeopatia nomes que iam desde o Duque de Saldanha a Camilo Castelo Branco, passando pelos Condes de Ferreira e de Samodães.

<sup>81</sup> COSTA, 1902: 62.

<sup>82</sup> COSTA, 1902: 62.

<sup>83</sup> Expressão de PEREIRA, 1998: 551, consagrada por TATON, 1981: 1: “*Le XIX<sup>e</sup> siècle n'est pas un siècle de traditions. C'est un siècle d'explosions (...)*”.

<sup>84</sup> ADSTR.APM, Carta de D<sup>a</sup> Gervásia a Passos Manuel, datada de 14/11/1861.

*Românticos*, partilhariam Passos Manuel, Saldanha e o Conde de Ferreira os cuidados do mesmo médico homeopata - António Ferreira Moutinho - dando alento a um *sistema médico, verdadeira medicina*, criada pelo *Hipócrates do Norte*. Não deixaria de seduzir esta heterodoxia terapêutica, farmacêuticos autodidactas e empenhados, em consonância com o potencial e as condicionantes do seu ofício, que assentava “ao mesmo tempo sobre as sciencias e a indústria”<sup>85</sup>. Caberia aos farmacêuticos a tarefa de, em Portugal, transportar a homeopatia para a contemporaneidade.

Contudo, para a *fê* homeopática, os *apóstolos* mais apaixonados, os sectários mais arrebatados, seriam os médicos, e os médicos-cirurgiões que a *Revolução de Setembro* criara. Lima Leitão, “homem muito erudito (...) [com um] espírito irrequieto, facilmente aberto a todas as novidades”, que “não se [poupava] a esforços para elevar o nível dos estudos médicos”<sup>86</sup>, mais até do que Furtado Galvão (não-alinhado graças ao seu quase exótico liberalismo docente), constitui um bom exemplo do magnetismo exercido pela homeopatia por quem se via, no exercício da arte de curar em oitocentos, todos os dias “n’um pelago de incertezas”<sup>87</sup>.

Incertezas que se estendiam dos oficiais da arte de curar aos doentes. A prática de uns e o estudo autodidacta de todos, permitiria formar homeopatas *puros*, permitindo recuperar a médico-cirurgiões e farmacêuticos, “na sciencia de curar (...) a fé que [tinham] perdido”<sup>88</sup>, e aos doentes, a esperança de recuperação desaparecida com os maus tratos da arte de curar de oitocentos.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes

- Arquivo Distrital de Santarém. Arquivo Passos Manuel (ADSTR.APM)
  - Carta de D<sup>a</sup> Gervásia Joaquina Sousa Falcão a Passos Manuel, datada de 9/2/1860.
  - Carta de D<sup>a</sup> Gervásia a Passos Manuel, datada de 14/11/1861.
  - Carta de Passos Manuel a D<sup>a</sup> Gervásia, datada de 10/10/1861.
- Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC)
  - *Theses ex universa medicina decerpta quas sub presidio clarissimi ac sapientissimi D. D. Joanis Lopes de Moraes in Gymnasio academia conimbricensis integra die propugnandas offert Florentius Peresius Furtadus Galvanus*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1835.

<sup>85</sup> *JSPbL*, tomo V, nº 9, 1879: 184.

<sup>86</sup> MIRA, 1947: 364 - 365.

<sup>87</sup> MIRA, 1947: 364 - 365.

<sup>88</sup> MIRA, 1947: 364 - 365.

### Periódicos

- *Gazeta Homeopathica Lisbonense*.
- *Gazeta Homeopathica Portuense*.
- *Gazeta Medica de Lisboa*.
- ≠ *Jornal da Sociedade de Sciencias Médicas de Lisboa*.
- *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

### Bibliografia

- ANDRÉS TURRIÓN, M. L., 1987, *Homeopatía. Años de máximo ardor em la lucha antihomeopathica. 1849-1855*, Boletín de la Sociedad Española de Historia de la Pharmacia, Madrid, 38 (151-152), p. 307-318.
- CARVALHO, Augusto da Silva, 1935, *Medicina Romântica*, “A Medicina Contemporânea”, de 29/9/1935 a 13/9/1936.
- COSTA, Francisco José da, 1902, *Materia medica experimental. Therapeutica positiva. Homeopatía*, Lisboa, Pharmacia Homeopathica Costa.
- FRONTEIRA E D’ALORNA, Marquez de, 1986, *Memórias*, Lisboa, INCM, VIIIº tomo.
- LEITÃO, J. Andresen, 1962, *D. Pedro V e a Homeopatía*, “Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa”, Lisboa, 126 (5), Maio, p. 235-254.
- LIBERALI, Camillo, 1865, *Manuale Teorico-Pratico di Medicina Omiopatica - Opera adattata all’intelligenza comune*, Roma, edição do autor, 4ª edição.
- MARTINS, J.P. de Oliveira, 1996, *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Guimarães Editores, IIº tomo.
- MIRA, M. Ferreira de, 1947, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- NOGUEIRA, Fernando, 1985, “A medicina científica e as «medicinas alternativas»”, Lisboa, *O Médico*, nº 1737, p. 613-614.
- PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, 1998, *Ciências*, “História de Portugal”, Lisboa, MATTOSO, José (dir), TORRAL, Luís Reis e ROQUE JOÃO LOURENÇO (coord), Estampa, vol. V, p. 551-563.
- PEREIRA, E. e RODRIGUES, G., 1907, *Portugal - Dicionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*, Lisboa, João Romano Torres&Cª, vol. III, p. 406-407 e vol. VI, p. 513-515.
- PINA, Luis de, 1964, *Homeopatía e Dosimetria*, Lisboa, “O Médico”, XVº ano, 31 (658), p. 94-97.
- SALDANHA, Marechal Duque de [João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun], 1858, *O Estado da Medicina em 1858*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- TATON, R. (dir), 1981, *Histoire Générales des Sciences*, Paris, Presses Universitaires de France, 2ª edição.
- THOMAS, Lewis, 1985, *Sobre a Magia na Medicina*, “O Médico”, Lisboa, nº 1723, p. 69-70.
- TORRES, Mário Octávio de Castro, 1962, *Súmula da História da Homeopatía em Portugal* (dissertação de licenciatura), Porto, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.